



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODEABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

14 de Janeiro de 2012 • Ano LXVIII • N.º 1770

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt



Nós, as Casas do Gaiato, receberíamos estas crianças, como já recebemos e criámos tantas que suas mães quiseram que viessem à luz, embora sem condições para as manter no tempo.

Estatuto Editorial d'O GAIATO

Para darmos cumprimento ao preceituado na Lei de Imprensa, efectuamos a publicação anual do Estatuto Editorial d'O GAIATO:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.
2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»
3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»
4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»
5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»
6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»
7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»
8. Tal se procura cumprir na «fragilidade das nossas misérias».
9. Acrescentamos ainda o compromisso de se «respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional (...), e não abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação».

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

SEMPRE, no primeiro dia de cada ano, uma viúva vem participar na nossa Missa e trazer o seu óbulo: Uma garrafa de azeite para a lamparina do Santíssimo Sacramento e uma pequena nota, com o pensamento em Pai Américo.

Começa assim, da melhor maneira, o nosso ano. Que começo mais auspicioso poderíamos desejar?!

Também a nossa Missa, nesse dia, é mais pobre. Não temos os rapazes a cantar e a tocar os seus instrumentos, decorrendo a Eucaristia, do princípio ao fim, sem uma nota musical, porque muitos, nestes dias, foram passá-los fora. A nossa Capela despe-se de adereços e fica só o ambiente sereno e de paz tão condizente com o Mistério que se celebra.

Sob o Altar, o Presépio — uma camada de palha retirada ao alimento das nossas vacas — sustenta as três figuras visíveis deste

acontecimento que, uma vez acontecido, se repete pelos tempos fora em que Deus se oferece na maior pureza e simplicidade da vida humana.

Também a nossa cadela «Zara» gosta de se vir aconchegar, por detrás das figuras, naquele pequeno amontoado de palha, coisa que a mim não me parece bem; se tem muitos sítios para onde ir porque vir para aqui? Gostaria sim, de ver outros seres a ter este gosto de se aquietarem no calor do Presépio!

Há dias, ouvi uma Senhora na rádio, que tem uma casa — Casa de Nazaré — em frente a uma clínica privada, em Lisboa, onde estabeleceu o seu presépio, para a ele chamar as transeuntes que se deslocam à dita clínica, para que desviem os seus passos e vão com ela conhecer a vida do Menino que para nós nasceu, e assim desistam de tirar a vida àqueles que trazem no seio.

Ela convida, e tem conseguido transformar o sentido da vida a algumas mães e seus filhos mas, ainda assim, são cinquenta por mês, seiscentas por ano, aquelas mães que, só naquela clínica, destroem a vida dos seus filhos com a crueldade de Herodes. Algumas fá-lo-ão com dor, contrariadas em seu coração?! Uma sociedade que se diz defensora da vida humana, como permite isto?! Nós, as Casas do Gaiato, receberíamos estas crianças, como já recebemos e criámos tantas que suas mães quiseram que viessem à luz, embora sem condições para as manter no tempo.

Esta Senhora de que falo, disse ser preciso contrariar esta cultura de morte em que vivemos. Sim, cultura de morte, porque cultura sem Deus! A vida só tem sentido em Deus. Fora d'Ele só a morte!

Uma garrafa de azeite, uma nota pequenina e o pensamento na Transcendência Divina, quanto basta para a vida ter sentido — e continuar! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Regressar à família

ASSIM aconteceu, por estes dias enregelados, na entrada de outro ano difícil que nos espera, segundo as previsões. Contudo, há ainda lugar para a esperança! Como estaremos a educar as novas gerações, de crianças e adolescentes, para as restrições anunciadas?...

Entre nós, vários garotos encontraram-se com alguns parentes, de mantas rasgadas ou de retalhos. Não se podem perder de vista, como vasos comunicantes, em que o sangue a correr nas veias se mistura também com lágrimas.

É interpelador olhar para esta Família, entre outras, actual herdeira de uma visão profética no encontro e acolhimento dos Pobres, para filhos da rua, quando estalava a II Guerra Mundial, a que o Padre Américo deu corpo e alma, sem medo.

Não podemos deixar de acreditar que, sem comunidades de vida e amor, a configuração da nossa sociedade não terá rumo certo. Desvalorizar a célula originária do tecido social não é promissor. Prolifera uma certa indústria da

terceira idade, com o acentuado envelhecimento da população.

Remar contra a maré, por entre ondas e vendavais, pode trazer alguma bonança e restabelecer a confiança no lugar de maior segurança para o desenvolvimento humano, que é fulcral para um progresso sustentado. Não se podem dar passos seguros noutro sentido, sob pena de autodestruição civilizacional e cultural.

Como é salutar escutar aquelas pessoas que amparam os seus anciãos, na própria casa. De uma senhora, ouvimos o testemunho de ter cuidado, a par e longo tempo, dos seus pais, acamados e de idade avançada, com respeito e gratidão. Quando há lugar para todos, nas famílias, no arco da vida humana, desde os primeiros passos, no ventre materno, até à escalada na curvatura da velhice, a construção social acontece e não esmorece. Investir nos laços familiares saudáveis é um factor de coesão social.

Qual é o lugar de tantas pessoas que vivem nas margens, até sacramentais? Certo dia, um casal, com

vida em comum há meio século, desafiou-nos para uma Acção de graças...

Na evangelização, cada vez mais é uma aventura acompanhar lares disfuncionais, destroçados. A desagregação familiar deixa situações de abandono e marginalidade. Com as contingências económicas e mentalidades desviantes, há rebentos frágeis cujo amparo é decisivo para o equilíbrio social.

Praticamente todos os filhos que se aquecem na lareira comum desta Casa, não têm os seus pais a viver juntos, devido à emigração, ausências e também divergências.

Depois de se encontrarem fugazmente, na viragem do calendário, com algum progenitor, no regresso houve mesmo festa do reencontro, parecendo que não se viam há muito tempo... Na cadência das chegadas, ouviam-se alto e bom som os nomes, e os abraços foram fortes, com necessidade de se tocarem uns nos outros, como fez o Divino, confirmando a presença, no ninho alargado. O sangue é importante e foi derramado na Cruz para todos sermos irmãos!

Um dos miuditos, o Aquilino, ficou entre nós nesta quadra, a mirar o nosso presépio, em que o menino foi o benjamim da Casa.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

RECONCILIAÇÃO — É muito importante prepararmo-nos bem para celebrar o Natal do Senhor. Por isso, deslocámo-nos até Fátima, a 23 de Dezembro, onde se puderam confessar muitos de nós, na capela da Reconciliação, do Santuário.

NATAL 2011 — No Natal deste ano, segundo a tradição, tivemos a nossa ceia no refeitório, com batatas e bacalhau (que agradecemos), arroz doce e bolo-rei. Depois, pelas 22.00h, celebrámos a Eucaristia da noite de Natal, na nossa Capela, terminando com o beijo do menino Aliú. A seguir, encontrámo-nos outra vez na sala de jantar, para tomar leite quente e recebermos prendas, distribuídas em sacos pela senhora D. Nazaré com as lembranças que os nossos Amigos nos deixaram. Muito obrigado! No dia de Natal, pelas 10.00h, celebrámos a Missa deste grande dia, feliz pelo nascimento do Menino Jesus!

ANO NOVO — No primeiro dia do ano, Domingo, celebrámos a Eucaristia em honra de Santa Maria, Mãe de Deus, na nossa Capela, pelas 10.00h. A todos os nossos Amigos e Amigas, desejamos saúde e paz em 2012!

FÉRIAS NATALÍCIAS — Conforme a tradição, aqueles Rapazes cujos familiares os podem receber nesta quadra natalícia, foram passar alguns dias com eles até ao início das aulas. A maioria foi para a zona de Lisboa, de autocarro, acompanhados, desde Coimbra. Os outros ficaram na sua Casa, em Família.

AGROPECUÁRIA — Finalmente, acabou a apanha da azeitona. Depois, ajudámos a tirar a lenha dos campos (ramos e toros). Seguiu-se a preparação dos terrenos para a sementeira da aveia. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

UMA REDE QUE É PRECISO ROBUSTECER — Antes do Natal a nossa Conferência fez chegar à casa de cada uma das famílias que acompanhamos o mínimo de um cabaz que, mais do que as coisas boas que continha, foi sinal da nossa atenção para com elas não só nesta quadra, mas ao longo de todo o ano.

Esta proximidade e atenção permanente a quem precisa de ajuda é a marca distintiva do Ser Vicentino, mesmo com todas as falhas que certamente há da nossa parte a este respeito.

Já aqui o dissemos várias vezes e voltamos a repeti-lo no início de um ano que se prevê muito difícil no plano social: sem prejuízo doutros modos de dar resposta aos problemas sociais, a resposta vicentina continua a ser precisa, ou melhor, continua a ser muito precisa.

Noutras andanças em que estamos para além do escrever estas crónicas, pudemos apurar com números rigorosos que as Conferências Vicentinas são o movimento de acção social da Igreja que, de longe, está activo em mais paróquias do país: quase uma em cada quatro dispõe de uma Conferência Vicentina.

Pode e deve discutir-se sobre a intensidade e qualidade dessa actividade e sobre o que fazer para a melhorar. Seja como for, a começar pelos próprios Vicentinos, mas também da parte da Igreja no seu conjunto, é, por isso, devida toda a atenção que for possível para com as Conferências Vicentinas de modo a que possam ser ainda mais e possam fazer mais e melhor. Os leitores que nos acompanham e nos ajudam já estão a fazer bem a sua parte nesta matéria. Bem hajam por isso. Que outros façam o mesmo por esse Portugal e por esse mundo fora, são os nossos votos para o ano que agora começa

O nosso endereço:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Chiquito-Zé

A notícia surgiu inesperada... Novamente soubemos dela através do *Chola*.

O *Alves*, que era nosso desde 83, vindo de uma terra aqui bem perto, estava, nos últimos tempos, desempregado, a frequentar uma formação pelo Instituto de Emprego numa Instituição do concelho, onde o encontramos há dias quando fomos buscar um dos nossos para uma consulta em Coimbra. Inteirámo-nos da sua situação e ele confessou-nos a preocupação por um filho mais velho que, não ouvindo os conselhos paternos, andava transviado. Outro filho, mais novo, vivia com a mãe de quem estava separado e com quem estava aos fins-de-semana quinzenalmente, estava bem integrado na escola e nas colectividades.

Dias mais tarde ligou-nos o Pe Manuel a dizer que estava um gaiato a pedir ajuda para pagar a conta da electricidade, pois já não tinha luz em casa. Fomos. Era o *Alves*. Diabético, tinha estado uns dias internado e ficara sem meios de pagar a luz pelo que lhe tinha sido cortada. Nessa mesma tarde de domingo pagámos as facturas da luz em atraso e conversámos mais um pouco. Deu-nos conta das dificuldades que atravessava e prometemos ajudá-lo. Voltámos a falar com ele dois dias depois, pois a luz ainda não tinha sido ligada até ao momento em que saíra de casa para ir ao curso e ficou de nos ligar caso ainda não a tivesse quando regressasse. Não o fez, pelo que pensamos estar a situação resolvida.

O filho mais novo foi dar com ele já sem vida. Nós sentimos culpa por não nos termos apercebido de que o sofrimento do *Alves* era maior do que aparentava e questionámos se fizemos tudo o que estava ao nosso alcance por ele. Agora de nada serve... Deus o guarde!

Já antes aqui tinha sido feito o apelo a todos os antigos gaiatos. Procurem-se mutuamente na zona onde vivem e entrem-se, convívam, aconselhem, quebrem a solidão daqueles que vivem sozinhos e, se não souberem a quem se devem dirigir, liguem-nos que nós tentaremos dar uma solução.

Que o novo ano nos traga aquilo que precisamos e que possamos reparti-lo com aqueles que menos têm. □

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — As notas do primeiro período foram bastantes favoráveis e alguns dos rapazes repetentes tomaram consciência e contribuíram com valores positivos para um resultado bom a nível geral.

Agora com o início do segundo período esperemos que melhorem ou dêem continuidade ao bom desempenho que tiveram no período passado.

Os Rapazes que se encontram no 9.º ano, 11.º ano, 12.º ano e na Faculdade estão a preparar-se para os Exames que se aproximam.

Bons Estudos.

VISITANTE-AMIGA — Nas férias do Natal tivemos connosco uma amiga e assinante do Jornal, a D. Cristina.

Ela ajudou-nos na decoração do nosso refeitório e nos preparativos para a ceia de Natal e ainda ajudou a nossa D. Preciosa nas limpezas da Casa-Mãe e no acompanhamento dos nossos «Batatinhas».

Obrigado pela presença.

FAMÍLIAS — Uma parte dos nossos rapazes foram visitar os seus familiares e os respectivos conterrâneos.

Os que foram na terça, regressaram no Domingo, e os que foram na quarta, regressaram na Segunda.

Um abraço a todos os familiares dos nossos rapazes.

CASA — Um grupo de rapazes, juntamente com o Paulo «Mudo», limparam os terrenos em volta da nossa

piscina, a parte detrás da Tipografia e um pequeno ribeiro que atravessa os nossos campos.

Distribuíram pela casa 3 as novas mesinhas e as prateleiras dos armários completando, o que estava em falta desde a abertura da casa.

DONATIVOS — Obrigado aos nossos visitantes pela sua amizade e generosidade, expressa pelos donativos diversos que nos deram.

Um Feliz ano de 2012.

Zé Reis

DESPORTO — Mais um jogo fora de casa e, mais uma vitória. Desta vez, calhou-nos a sorte de defrontar a Associação Desportiva Marco 09, da A. F. Porto, no seu próprio estádio. Um desafio de futebol, quase todo jogado debaixo chuva intensa, sobretudo, na segunda metade. Não foi fácil a adaptação à relva, e talvez por isso, sofremos o primeiro golo da partida. O golo caiu como uma bomba. Os nossos Rapazes não gostaram e, foi então que resolveram arregaçar as mangas e começar a trabalhar mais e melhor. Ricardo Sérgio foi, por assim dizer — desta vez — o pilar a meio-campo, apesar dos «treinadores ambulantes», terem outra opinião. Joaquina facturou dois à sua conta; e, seu irmão Hugo (1), que saltou do banco para substituir Erickson. Resultado final: Marco 1 vs Casa do Gaiato 3.

Quem continua a ser a «menina dos olhos» do Grupo Desportivo, é o Francisco; trabalhador, consciencioso, firme e anti-polémico, o que é excelente para o bom funcionamento do grupo e para

ele se concentrar mais no seu trabalho. Não te estragues e não te deixes ludibriar pelos «bem-falantes»!...

Fomos excelentemente bem recebidos e, no final, para satisfação de toda a comitiva, uma merenda bem servida pelo Presidente do Clube, senhor Alves e pela senhora do bar. Bem-haja!

Uma semana depois, recebemos os Juniores do Pedrouços Atlético Clube, da A. F. Porto. Equipavam-se à Barcelona, mas eram dos lados da Maia. Começaram por inaugurar o marcador logo aos cinco minutos de jogo e nós, só conseguimos empatar muito perto dos quarenta e cinco. Fizemos uma primeira parte péssima. Para alguns, por vezes, jogar a bola, é tudo, menos futebol. Estou a referir-me, como não podia deixar de ser, à nossa equipa e mais concretamente ao Ronaldo.

Na segunda metade, alteramos ligeiramente o esquema e alguns atletas, o que deu origem a que tudo fosse diferente. Houve postura; houve carácter; houve civismo; houve o cuidado de praticar bom futebol; e, houve golos.

Neste jogo, Erickson conseguiu imitar o Cardoso da Segunda Circular; baliza sem ninguém, a dois passos do risco de golo e, fazer o mais difícil: atirar a bola para fora! No entanto, com golos de «André Garnisé» (2); Joaquina (3); Thierry (1) e Fábio (2), contra um do Pedrouços, fixou-se o resultado final. A diferença está aqui: jogar futebol em vez de Râguebi.

Toda a comitiva do adversário era excelente. O massagista conhece-nos muito bem, pelo facto de trabalhar no Lar de Nossa Senhora das Candeias. Gente impecável!

Alberto («Resende»)



LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — São passadas as festas do Natal e do ano 2011. Agradecemos a Deus e aos nossos bons amigos, que vieram em nosso auxílio, pois foi com a vossa ajuda, que nós pudemos ir em socorro daqueles, que dela mais precisam.

Para que os nossos leitores possam avaliar, o quanto é necessária essa ajuda, vamos contar o que se passou, com a senhora que está acamada e que não se levanta para nada.

Nas vésperas do Natal, fomos visitá-la, para lhe levar o que foi possível para sua alimentação. Chegamos a sua casa, a senhora, como quase sempre, estava só. Eram onze e tal da manhã. Depois de a cumprimentar, perguntámos-lhe se já tinha tomado o pequeno-almoço e a medicação que ela tem de tomar todos os dias. Não senhor, foi a sua

resposta. Então, como das coisas que levávamos, fazia parte uns iogurtes, foi ao que de repente botamos a mão e que ela comeu e agradeceu. Entretanto, chegou uma das senhoras que dizem estar a olhar por ela, a quem foi perguntado como é que se deixa estar uma doente e diabética, sem comer até àquela hora da manhã.

Alguém escreveu: «Há um único problema, um único para o mundo: voltar a dar aos homens um significado espiritual, inquietação espiritual... Não se pode viver de frigoríficos, de política, de orçamentos. Já não se pode viver, sem poesia, sem calor humano, nem amor».

Como se pode verificar, é precisamente isto que está a acontecer no nosso Tempo. Falámos de política, orçamentos, débitos, etc. Mas onde está o calor humano? Onde está o amor ao

próximo? Então não foi isso que Jesus Cristo veio trazer ao mundo? Então não foi esse calor humano, que fez que Pai Américo fundasse as nossas Casas do Gaiato, o Calvário, o Património do Pobres? Não foi esse calor humano que fez que ele andasse por aqueles tugúrios do Barredo e outros a estender a sua mão àqueles que nem da enxerga se podiam levantar?

Fala-se muito também em orçamentos. Não há dinheiro para medicamentos, para assistência médica, etc. No entanto, quantos milhões se gastaram, ou seja queimaram com os fogos de artifício na passagem de ano? Quanto bem se fazia com metade daquilo que se gastou nessa noite? Não existe o tes-



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

HÁ dias vi-me, em Lisboa, a carregar sofás e electrodomésticos para dar aos pobres. Estes transformaram-se na minha paixão, e poder mitigar as necessidades básicas deles, tornou-se para mim um alívio e um prazer.

Com o Júlio e o Ruben fomos à Almirante Reis e, enquanto os rapazes retiravam uma arca frigorífica vertical e uma máquina de lavar roupa, eu saboreava já a alegria dos pobres e... senti-me na situação de recoveiro. Os que têm de sobra telefonam-me e entregam para distribuir pelos que não têm. Sou apenas um depositário, transportador, comungando da alegria de uns e de outros.

Pensava levá-los logo de seguida ao seu destino, mas fiquei com dúvidas acerca do estado das máquinas e mandei-as observar nas nossas oficinas de serralharia.

Todos os dias, há pobres a bater a esta porta, e muitos ao dia. Quando precisam de agasalho ou alimentos; damos do que há, mas nunca mandamos ninguém sem nada.

Quando é uma questão de dinheiro, analiso o problema mais

afundo, normalmente indo a casa das famílias onde entro sem qualquer cerimónia ou medo de incomodar. Vou, vejo e faço uma análise que me tranquilize a dizer sim ou não.

Os miseráveis diferenciam-se bem dos pobres e as casas onde impera a vileza mesquinha distinguem-se facilmente daquelas onde abunda simplesmente a penúria.

Era um casal de meia idade. Os dois muito magrinhos faziam-se acompanhar de uma criança. Tinham sido trazidos por um vizinho que não se escondera, nem ao carro, como já tem acontecido. Ele apresentava-se de canadianas. Vinha expor-me o seu problema: A casa tinha-lhes ardido há um mês e, até hoje não receberam ainda qualquer ajuda de ninguém. Exibiam um documento com as rendas em atraso e pediam-me auxílio para as legalizar.

Perante o triste espectáculo senti-me obrigado a levá-los comigo à casa incendiada, enquanto o vizinho seguia atrás de nós.

Um quarto e a cozinha apresentavam-se muito danificados embora, já, com alguns conser-

tos feitos pelo homem. O quarto sem janela e sem porta, permitia a entrada franca de ar frio que enregelava o andar e tornava insuportável a sua habitabilidade. Na sala, quase em frente, e de porta fechada, por causa do arrefecimento, encontrei uma ninhada de crianças em frente à televisão.

— São os filhos da minha filha — explicava a senhora, dando-me satisfações do que eu via. — *O marido abandonou-a, ela tem de ir trabalhar e as crianças ficam connosco até ao seu regresso.*

O quarto onde dormiam tinha duas camas juntinhas, uma larga e outra de uma só pessoa.

— Quem dorme ali? — Perguntei apontando para a mais larga.

— Somos nós. — Respondeu a senhora.

— E nesta, a mais estreita?

— *A minha filha mais nova.*

A menina tem catorze anos e é um pouco atrasada. A dormir junto da mãe e do padrasto facilmente se desequilibrará. Apeteceu-me logo mandar fazer uma janela e uma porta e colocá-las, sem demora, para que a adolescente dormisse em lugar são, adonchegado e tranquilo. Espero ver o que a Câmara fará e agirei, depois, em conformidade. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

TENHO à minha frente o Cristo que saíu do refeitório por causa do Presépio que os Rapazes ali armaram, mas agora está triste, porque toda a verdura secou, os animais recolheram aos estábulos, as luzinhas foram retiradas para poupar energia e só ficaram as imagens de Maria e José. Até o Menino desapareceu, não sei porquê.

O meu Cristo, que saíu do refeitório, também está triste. Os olhos semi-cerrados como que a fechar-se à luz deste mundo. Acabou o Menino do presépio, como acaba tudo o que vem a este mundo! Até os dois feriados que se seguiram às Festas ajudaram a esquecer. No íntimo do meu ser brota aquela palavra de São Paulo: «Agora permanecem a Fé, a Esperança e a Caridade. Mas a Caridade não morrerá nunca»... A Fé acabará com o desabrochar para a Luz verdadeira que veio a este mundo; a Caridade despontará em toda a sua Beleza, porque nos leva à união plena com o próprio Deus. Mas a Esperança que alicerça as outras neste mundo, acabará ao fecharmos os olhos para ele.

Assim meu coração, assim meus olhos neste momento. Quanto menor a esperança, mais forte me sinto nas outras. Sei que Deus não abandona, mas a minha esperança está moribunda. Já não tenho forças para lutar com toda a esperança. Mesmo o que fiz, consciente de que era o plano de Deus a meu respeito, me desanima, e olho para trás como se nada valesse para mim.

Tenho junto de mim o Padre Arnaldo e humanamente receio que tema a Cruz que lhe deixo. Mas que era eu quando assumi a Casa do Gaiato de Lisboa, ainda tão disforme da pedagogia que Pai Américo implantou em Portugal, quando poucos Bispos acreditavam nele e agora quase nenhum acredita? Chego a pensar que até receiam que Roma o canonize. Mas nem é preciso, porque já o foi no coração de crentes e não crentes. A minha esperança vai passar para o Padre Arnaldo em quem, tenho a certeza, Deus já despertou forças para continuar.

Acabámos o ano cheios de dívidas que assustam os Padres da Obra. A criação da Fundação Encontro (FE) retirou-nos a possibilidade de jogar com receitas e despesas, que harmonizávamos para ambas as partes. Agora cada um no seu poleiro. Nem a Irmã Quitéria, que fazia a gestão, quer mais comprometer-se com a Casa do Gaiato que bem lhe chega a Fundação. Tem sido uma heroína sem dar por isso. A burocracia que nos é imposta leva-nos dinheiro e tira-nos a alegria daquele «pôr e tirar» que tinha Pai Américo, embora ele tenha dito, como eu agora vivo profundamente: «Sinto a angústia da Obra que criei».

Como nunca e cada vez mais estamos na mão de Deus. De Moçambique, à parte algumas exceções, não podemos esperar muito. Se tivesse feito palhotas para os Rapazes, continuavam a ser uns coitadinhos e nas festas viria uma procissão de pessoas e entidades trazer uns mimos. Como levantámos uma Aldeia que dá nas vistas de longe, até pensam que isto são mansões para abastados. Coitado sim, de quem assim pensa. Os nossos mais velhos, que estão a trabalhar, querem fazer uma associação para apoiar a Casa onde ganharam asas para a sua vida. Serão uma bênção e um exemplo para os outros. Mas até que isso baste, muitas necessidades se vão passar aqui dentro. Para já, aos setenta e seis que estudam fora, mesmo aos que estavam a um ano de acabar o curso universitário retirámos o apoio. Vão ter de deixar e agarrar-se ao trabalho até que possam por eles mesmos acabar os seus cursos. Restam ainda uns vinte que passarão a estudar à noite, e trabalhar de dia, mais os que este ano acabaram a décima-classe. Quanto a mim já não presto. Que Deus se amercie de mim. Ele o Criador de todas as nossas obras. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Um telefonema de seu pai deixou-o sereno. Entretanto, gaitero, foi com o resto da malta para as terras. Espantado, perguntou: — *O que é isto branco que cobre os campos?*... No primeiro encontro que tivemos, conhecemos o rapazito, pálido, num quartito, em cima de um leito, a definhar. Ao entardecer, quis enunciar os *mistérios*, garboso, pois quer aprender a juntar as letras, alheio ao desacordo ortográfico.

É facilmente verificável que a vida em família é o espaço por excelência da felicidade humana. Os filhos e filhas, de qualquer tempo, sentem a necessidade real da presença e do amor dos pais, partilhando a mesma mesa. Isto é determinante na aventura fascinante da vida plena a que são chamados. O tempo que todos passam juntos é precioso para o crescimento harmonioso dos mais novos. No verdadeiro projecto familiar, para a autonomia dos filhos, está com certeza o afecto e a responsabilização deles.

A proximidade dos pais e mães não é substituída pela escola, que preenche boa parte do tempo diário. Sintonizá-la com a realidade e orientá-la para os verdadeiros valores humanos é missão exigente, onde cabe o Transcendente, feito Homem — Jesus!

Aproximou-Se de nós, numa gruta, não para voltarmos às cavernas, mas para seguirmos o caminho firme da Família de Nazaré! □

MAPUTO

Padre Quim

Compreender é ser feliz...

«ERA noite para toda a gente quando Cristo se tornou criança...», dizia a letra duma canção animada de Natal.

Quando tocou para a Capela — as vozes já afinadas — a Família estava reunida para o encontro com o Menino Jesus. É o Natal do Senhor: «*Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados*».

Deus ama tanto o homem que, para libertá-lo das falsas expectativas, inventadas pelos seus desejos de poder, como compensação das suas insuficiências, vem ao seu encontro pela revelação de um Deus humilde, meigo, pobre e misericordioso. Afinal, no advento da nossa vida, lendo a História da Salvação desde as profecias que anunciavam o Messias — quem são os que esperaram e acolheram um Deus Assim?

Num mundo como o nosso, onde os homens têm desejos infinitos de ter mais — e sempre mais, procurando, como loucos e a todo o custo o poder, a majestade, a autoridade, a riqueza, a força... e outras muitas misérias cobiçadas — será que houve Natal do Senhor verdadeiramente no coração da Humanidade?! O Natal da paz, da ale-

gria, do amor, da fraternidade, da harmonia; ou simplesmente houve árvore de Natal, prendas, luzes pelas ruas das cidades, o comer e o beber exageradamente, alimentos a serem desperdiçados, pobres lá fora com frio e fome, palhaços vestidos de branco e de vermelho, com o título inadequado de painatal. Quando um só é o nosso Pai que está no Céu?

Todo o homem precisa de uma saída para resolver os seus problemas. Um dos mais inquietantes da actualidade, é a chamada crise económico-financeira que poisou, como uma nuvem escura, sobre as sociedades humanas. Ora, nesta altura, pensar na revelação de um Deus rico, seria uma grande consolação; embora não deixasse de ser uma grande tentação.

O Natal oferece-nos a revelação de um Deus-Amor — eis a surpresa! Deus surpreende as expectativas dos homens de todos os tempos e lugares. É na palha do presépio onde se encontra o mistério, agora revelado. Para se assemelhar a Ele é preciso amar, servir, tomar o cuidado dos Pobres. Para tal, é necessário ser pobre e pequeno, simples e humilde, para acolher a Sua vinda.

temunho, mas os homens que testemunham tudo isto, e andamos à procura da verdade no fundo do poço».

O útil, é aquilo que resiste. Pois é isso mesmo que acontece com a nossa Conferência. Apesar da sua falta de meios apesar das suas dificuldades em conseguir novos confrades, ela resiste a todos estes problemas. E porquê? Porque é útil. Útil a quem? Ao pobre, ao doente, ao marginalizado. Quantos desabafos, nós recebemos, quando alguns dos nossos amigos nos enviam alguns donativos, muitas as vezes só Deus sabe com que sacrifício... Temos em mente um

nosso amigo, que nos enviou mil euros, mas com o pedido de não dizer o seu nome.

«Um gesto de um homem é uma fonte eterna». Então não foi o gesto de Pai Américo que quando tinha uma vida cheia de bem viver à sua frente e deixou tudo isso para vir viver da mendicidade?

Mas para os homens, ele ainda não é santo. Que será preciso fazer mais?

Não bastam as suas Obras que estão à vista de todos, e que apesar das contradições que tem recebido, dos ataques de que tem sido alvo, continua firme, nos

seus padres que tanto sofrem, mas que apesar de tudo aguentam?

É preciso vivermos, não daquilo que recebemos, mas sim daquilo que damos. Pois é isso que nos engrandece. Isto é o que nos ensina Pai Américo.

Os nossos agradecimentos a todos os nossos amigos, com os votos de um bom ano novo e que o nosso Pai Américo peça por todos nós, junto do nosso bom Deus.

O nosso NIB: 001000004417802000158. O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

SETÚBAL

Padre Acílio

O nosso Natal

Foi feliz o nosso Natal. Os rapazes ensaiaram e exibiram vários números de dança e peças de teatro com muito bom nível e, em dois dias, puseram no palco um magnífico auto de Natal que a todos deliciou.

O António representou o menino Jesus a quem todos beijámos após a Missa da meia-noite; um vestiu-se de Nossa Senhora, outro de São José e apareceram vários pastores, anjos e reis magos com roupas coloridas e atitudes a condizer. Não faltou a palha no palco nem uma vitelhinha que berrou em louvor da noite santa, tornando o ambiente histórico mais próximo do descrito por São Francisco. Os mais pequeninos cantaram adornados pelos professores com trajes brilhantes e acompanhados ao órgão e com a viola, em coreografias diferentes, e por três vezes.

A ceia de Natal preparada com a antecedência de três dias, bem como a consoadá, adoçaram a boca, a barriga e a alma dos rapazes tornando-os um vulcão de alegria contagiante. As prendas distribuídas antes de adormecer, alta madrugada, culminaram uma noite inesquecível para crianças, jovens e adultos.

À medida que o Natal se aproxi-

mava os presentes iam chegando e nós escolhíamos com o coração, dedicando a cada um deles, consoante encaixavam na sua personalidade, desenvolvimento e gosto.

Também chegou de fora a alegria natalícia. São as visitas com expressões de amizade, partilha de esmolas em bens e dinheiro. Nada do que já foi outrora, mas, ainda assim, nem tudo morreu e algo tem revivido. A Secil dá-nos todo o cimento necessário, ao longo do ano para as nossas obras e agora enviam-nos brinquedos e roupa. Os seus trabalhadores também angariaram vestuário, calçado, guloseimas e mandaram-nos, com exigências pessoais e votos de boas festas, as sacrificadas cotas no valor de 886€ mais 77€.

O Jumbo encarregou-se dos ténis, do bacalhau, das gulodices, dos perfumes, pastas e escovas dentífricas. Os Runas regalaram-nos com gelados e ultracongelados em peixe, legumes, pizzas, etc. Além de, durante o ano, partilharem muitas vezes connosco os mesmos produtos.

Na baixa setubalense, hoje tão adormecida e assaltada, alguém se levantou, bateu a muitas portas e corações conseguindo abundante colheita de mercearia vária e bolachas. Trouxe-nos a relação dos estabelecimentos e pessoas as

quais bem gostaríamos de publicar, mas não é nosso jeito fazê-lo. Não queremos destruir o mérito sobrenatural de uma acção de tal beleza.

Feira da ladra

O Lyons Clube de Setúbal tornou a organizar a sua feira da ladra a favor desta casa.

No jantar de Natal, em sessão solene, com convidados das principais cidades do distrito e a presença do Governador entregaram-nos um cheque de quatro mil euros.

Vejo na principal avenida da cidade, feiras quase todos os fins de semana, comercializando toda a espécie de quinquilharias e artesanato, em autêntico plágio daquilo que este clube organiza há trinta anos. Assim este mercado perdeu um pouco da sua originalidade e encantamento, mas não arrefeceu o ânimo dos seus promotores. O ideal nobre que norteia estes amigos arrasta-os, contra todas as dificuldades à organização anual, trabalhosa e entusiasta deste evento.

Na mira estão as necessidades da Casa do Gaiato e dos pobres, mas também a experiência de que o esforço conjunto gera amizade e companheirismo entre todos os elementos. O contacto com gente assim, é bastante proveitoso para os rapazes e para nós, visto tratar-se de pessoas bem formadas e de elevado nível de educação. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Ano Novo

ESTOU a escrever-vos estas notas, na segunda-feira do Ano Bom. A Paz, a Alegria e a Esperança sejam os valores maiores na riqueza das nossas vidas, ao longo do ano que, agora, começa. A este vestido tão precioso, com o qual nos revestimos, não pode faltar o cingulo da Caridade. Deste modo, apresentamo-nos, aos olhos do mundo, como criaturas novas, transformadas e prontas a transformar o mundo. É o mundo novo tão ansiado!

Estou a ver a nossa carrinha cheia de filhos que vão passar, algumas horas, na praia. É o tempo do calor, neste clima equatorial. Dentro dalguns momentos, outro grupo, mais pequenino, partirá para gozar o mesmo bem, durante uma semana, em casa emprestada. Durante o mês de Janeiro, repetir-se-á o mesmo dom, por outros grupos. São momentos muito felizes para os ajudar a crescer com equilíbrio. O José Luís será o pai que os acompanha com muita dedicação e carinho. A Teresa será a mãe na próxima oportunidade. Quem dera os pais de sangue levem nas suas vidas, como sinal da maior responsabilidade, o amor incondicional aos seus filhos. Deste modo, não deixarão nunca de os acompanhar. Uma das grandes tragédias sociais, por que passamos, nesta hora, é o abandono paternal dos filhos. É um dos pontos mais chocantes da estrada humana que estamos a seguir.

Subi, há dias, a encosta, por detrás do hospital numa cidade vizinha. Recebi o pedido para

acolher dois filhos. Quis ver, contudo, o ambiente em que viviam. Fiquei muito impressionado com a miséria e extrema pobreza da situação. Quem me dera poder guardar, no meu e vosso coração, o grande número de crianças encontradas, juntamente com os dois filhos! Não é possível encontrar lugar, em nossa Casa, no momento presente. Os dois meninos virão, com 8 e 9 anos, sem registo civil e sem escola. O pai abandonou-os. Ficaram entregues à fragilidade da mulher, sua mãe, sem o mínimo de capacidade para os criar. Vamos recebê-los! É uma maneira fecunda de iniciarmos a vivência do ano de 2012. Os telefonemas chegam-nos, de várias partes, a pedir entrevistas preparatórias doutras entradas. Quem nos dera! Temos esperança no emprego para os mais velhos que lhes garanta a possibilidade de viverem com dignidade a sua autonomia. Será a porta aberta para acolher outros filhos novos, no ventre da nossa Casa. A graça do Ano Novo abra a porta dos vossos corações para darmos as mãos, até ao limite das possibilidades que temos. Estamos dependentes da vossa generosidade.

Pais e mães, com seus filhos, na ordem das centenas, viveram este período de festas, com o mínimo necessário, graças à ajuda que receberam da nossa Casa.

Queremos levar, juntamente convosco, este pedaço da cruz, tecida com o amor. É a forma de caminhar de cabeça erguida e coração levantado. A visita que recebemos, há dias, de represen-

tantes da Fundação Manuel António da Mota, encheu de alegria os nossos rapazes e foi uma sementeira de esperança. Que o fogo do amor queime os nossos corações para os tornar sensíveis às necessidades dos que mais precisam da nossa ajuda.

Votos de bom ano cheio de Paz, Alegria e Esperança. Recebemos as lembranças que nos foram enviadas e continuaremos. □

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Dezembro,
45.750 exemplares**

PROBLEMÁTICA JUVENIL

Padre João

A mensagem de Ano Novo do Papa, este ano, centrou-se na problemática juvenil. Um tema sempre actual, nunca esgotado. Um tema que toca de perto a educação, os ambientes educativos, os agentes da educação, como não podia deixar de ser, a família. Arte nobre esta, cuja finalidade consiste em tirar do íntimo do ser humano todas as potencialidades, favorecendo que se exprimam na realização pessoal de cada um em ordem ao bem comum. Para que, como dizia esse grande mestre da Juventude que foi Baden Powell, «o mundo fique melhor que quando o encontramos...». Notamos que Bento XVI tem na memória a última Jornada Mundial da Juventude em Madrid... e no coração, latente, o legado pastoral de João Paulo II principalmente no que se refere ao vasto mundo juvenil. Por outro lado, não deixa de reflectir a difícil situação em que a

Europa se encontra, onde os jovens são confrontados com «tantas portas fechadas» à realização dos seus sonhos e acalentados projectos. De facto a preponderância dos factores económicos e a «ditadura» imposta pela lógica dos mercados relegaram para segundo plano o «homem e a sua circunstância». Neste contexto, os jovens, «como elo mais fraco» do sistema, sentem-lhe os efeitos. Entre nós, alto é já o número dos que se viram forçados a emigrar para outras paragens. Numa paisagem humana já tão caracterizada pela desertificação, o empobrecimento, aumenta. Vários bispos do nosso país também levantaram a voz nesta denúncia que mostra uma juventude «indignada», perante uma sociedade sem valores e de joelhos perante as disputas dos mercados que, conforme disse um deles, Dom António Marto, «foram criados para servir a humanidade...».

Com uma juventude assim emergente, é natural que os desequilíbrios sociais se agudizem, todas as entidades atentas ao fenómeno social, o reconhecem. O aumento das convulsões sociais, da criminalidade organizada e, sobretudo, o desespero até à loucura são sinais preocupantes. Sentimos que a Igreja está atenta e isso é motivo de esperança, também, e um grande sinal de atenção à sua Missão pois que «o caminho da Igreja é caminho do Homem...».

Aqui, não podemos deixar de pensar na importância do legado pedagógico e doutrinal do Padre Américo face à problemática juvenil e à pobreza em geral e tão particularmente sentida entre nós. Talvez pudéssemos ir um pouco mais longe na ajuda aos que mais sofrem... O importante é fazer algo na nossa pequena esfera de acção e, tanto quanto possível, de mãos dadas. Num quadro social como o nosso o isolamento é um inimigo entristecedor que é preciso acautelar. □

Testemunhos de intercessão a Pai Américo

ESTE, que agora apresentamos, chegou há poucos dias. Os factos iniciaram-se há muito tempo, desenrolaram-se pelos anos fora e poderiam repetir-se hoje. Poderiam? Tiremos o condicional — repetem-se! Ainda há poucas semanas um professor confidenciava seguir a pedagogia de Pai Américo no seu trabalho.

Sendo *homem de um só Livro* Pai Américo tornou-se um incendiário. Esta Senhora professora de português deixou-se incendiar e, vendo os resultados, quer que o fogo se espalhe: «É preciso que esse fogo... actue cada vez mais...»

O calor de suas palavras e actos não vêm da sua formação académica, que sendo embora muito útil teve outra fonte: «Só o amor vence, porque convence».

«Isto não são milagres de Pai Américo?», desabafa!

Apetecia-me responder que quem faz milagres em vida não poderá deixar de os realizar depois da morte.

«Ao receber o documento para eu apresentar no IRS e um cartão de agradecimento, estremei. Eu é que tenho razões de sobra para agradecer e louvar a Deus. Depois, recebi este último jornal O GAIATO — Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes — e li nele um artigo: “Testemunhos de intercessão a Pai Américo” e deu-me vontade de ter este desabafo convosco.»

Há muitos anos, dando um texto de português aos meus alunos, que era a narrativa de um facto aí passado na vossa Casa num dia de colheita da batata, da autoria de Padre Américo. Eu não conhecia nada. Despertou-me curiosidade e, quando fizemos o nosso passeio escolar, decidimos que deveríamos passar pela vossa Casa de Paço de Sousa. Como eu não conhecia nada nem ninguém, limitámo-nos a falar com alguns gaiatos que de nós se aproximaram, visto que o portão estava aberto de par em par.

Depois, já na escola, conversámos sobre esta Casa, do pouco que vimos — e que já foi muito... Depois, uma amiga minha, vendo o meu entusiasmo, fez-me assinante do vosso Jornal. Posteriormente, fui adquirindo livros e fui ficando fascinada pela pedagogia de Pai Américo. Comecei a tentar aplicá-la na minha escola com os meus alunos e comecei a dar-me conta de que aconteciam inúmeros milagres que a sociedade de hoje não vê, não quer ver, nem admite que alguém veja. Não são cenas de cegos nem de coxos físicos, mas cegos e coxos que a sociedade de hoje constrói. Os miúdos são muito receptivos. Eles querem ver e querem ser curados. Não há rapazes maus.

Tendo eu ido trabalhar para uma escola de intervenção prioritária onde recebi alunos que ninguém queria, com toda a espécie de problemas, alguns já caldeados no pequeno crime, histórias e histórias terríveis... Agarrei-me à pedagogia de Pai Américo. Só o amor vence, porque convence. Depois, começaram a ser eles a ajudarem-se uns aos outros, com profunda amizade, a partilharem os seus problemas, as suas deficiências, os seus bens, os seus conhecimentos e começaram a experimentar que quanto mais se ajudavam, mais fáceis se tornavam as tarefas e mais felizes se sentiam.

E eu contemplava e enchia-me de alegria; alegria que era já deles e, até, das famílias.

Isto não são milagres de Pai Américo?

O Padre Américo acendeu a luz e o fogo que pode mudar o mundo que tão doente está. É preciso que esse fogo, que se acendeu nas vossas Casas, actue cada vez mais para que a humanidade possa subsistir.

Que a Luz que Pai Américo acendeu, continue a interceder por todos.

Perdoem-me o desabafo. Que o Natal nunca acabe. Com toda a minha amizade e gratidão. Assinante 31626»

Padre Júlio